

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — Custódio dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampilha	1\$20
Semestre, idem	60
Auto, com estampilha	1\$50
Semestre, idem	75
África e Brasil, por ano (moeda forte)	2\$25
Número avulso	20

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 46 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	500
Repetição dos mesmos	200
Anúncios permanentes, contracto especial	
As obras literarias anunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.	
Autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

FALANDO CLARO...

Realizou-se em Lisboa uma assembleia magna do Partido Evolucionista. Concorreram a essa reunião os corpos dirigentes do Partido, os seus parlamentares, a imprensa partidária e delegados de todos os núcleos da provincia. Foi altamente consolador o que se passou nessa reunião da familia evolucionista. Não houve, nem podia haver, discordancia de principios, porque esses estão claramente definidos no respectivo programa; mas, como bons e honestos liberais, todos ouviram e respeitaram as opiniões de cada um. Nem a mais insignificante nota discordante veio diminuir ou sequer atenuar o alto significado das deliberações tomadas.

O Partido Evolucionista proclama e afirma a sua completa autonomia, não aceitando tutelas de quem quer que seja. Mantem-se firme no seu posto, fiel ao seu programa, cada vez mais unido, cada vez mais forte. Tem a consciencia de haver, através de tudo, cumprido a sua missão até ao sacrificio, esquecendo injúrias, perdoando agravos, desprezando os seus mais legítimos interesses, olhos fitos no prestígio e salvação da Pátria.

Pouco importa que esses sacrificios tenham sido malsinados por alguns, incompreendidos por muitos e retribuidos com negra ingratidão por outros. Os homens de bem só acatam as sentenças do tribunal da sua consciencia e esse diz-nos que, se alguns erros porventura temos praticado, não foi contra a Pátria nem contra a República. Pelo contrário, em favor de ambas abdicámos de tudo a que tinhamos direito.

Perante a situação política criada pela revolução de dezembro último, o partido conserva-se em expectativa vigilante, protestando comtudo, desde já, contra abusos do poder ou violencias inúteis.

Ninguém mais que o Partido Republicano Evolucionista deseja a depuração do ambiente político, louvando todas as diligencias que, honestamente a dentro da mais absoluta legalidade, nesse sentido se façam.

Houve abusos, atropelos, desvio de dinheiros públicos, concussões, roubos?

Que se apurem as responsabilidades dos delinquentes, e que se punam inexoravelmente, com tanto mais rigor quanto mais alta for a sua jerarquia. O que, porém, não pode admitir-se é que, em nome do restabelecimento da legalidade, se comece por calcar a própria lei.

O Partido Evolucionista foi sem-

pre contrário ao regime do mistério; deseja que sobre tudo se faça luz e que essa luz principalmente incida sobre os seus homens. Nunca entre nós se entendeu que a solidariedade política possa servir para acobertar crimes, torpezas ou protérvias de qualquer natureza; e, assim, seremos nós os primeiros a afastar quemquer que tenha maculado as nossas nobilissimas tradições.

Até agora, porém, com o muito lódo em que para aí se anda a mexer—ainda nenhum Evolucionista foi sequer salpicado.

Diz o Governo que encontrou bastas irregularidades!

E' preciso, é urgente defini-las, concretizá-las, apurar os seus autores e castigá-los. Eis tudo.

Os Evolucionistas podem bem com as suas responsabilidades, que não engeitam nem afastam, mas não tem, nem querem ter, a menor solidariedade com criminosos. Assim entendidos, esperamos serenamente os acontecimentos, e dentro da legalidade continuaremos a erguer, com mão firme, o nosso estandarte altivo e independente, sem conchavos nem conluios, pela Pátria e pela República.

Odio monárquico

Tem-se feito, por parte da imprensa realista, encarniçada campanha contra o nosso eminente chefe, sr. dr. António José de Almeida, num reservado e sinistro plano de ir decepando as *popoilas* da República, os seus homens immaculados e prestigiosos, os seus melhores sustentáculos e propagandistas. Porque António José de Almeida é o republicano de *impeccabil fé, de impoluto caracter e de austera vida* e nele estão postos os olhos e as esperanças de quantos amam sinceramente a República e aspiram a vê-la saneada, tem sido uma algazarra ignobil, um tumultuário *crucifige* contra esse inconfundível vulto da República, num *á ultima hora*, m que certos acontecimentos dão aos realistas a ilusão de que se avizinha a hora do seu predomínio!

Na dementação do alarido, ouviu-se já o apodo de *assassino* contra António José de Almeida! E' força de toleima!

Assassino éle? O magnânimo coração, que, nos primeiros dias trágicos da República triunfante, susteve muita vingança e evitou muita chacina...

Assassino éle, que correndo aqui, correndo acolá onde mais estuavam as fúrias populares, conteve pelo prestígio da sua palavra

e da sua presença as ruindades que costumam explodir em momentos revolucionários?...

Assassino éle, que, atravessando-se de braços abertos no limiar dum palacete, que a população acometia desvairada, contêve-a em respeito e salvou vidas e haveres dum respeitável ancião vencido?...

Assassino éle, que se comove a tal ponto com a desgraça alheia que, para valer-lhe, se tem privado, por vèzes, dos últimos centavos?...

Assassino éle, que desprendido e generoso só tem conseguido empobrecer-se em 7 anos de República num modestissimo viver, ao passo que tantos outros se locupletaram *por fas e por nefas* com pingues benesses e garantidas rendosíssimas situações preponderantes?...

Assassino éle, que representa, dentro da República, o elemento ponderado de concórdia, conciliação e clemência e tem sido protesto vivo contra violências ou vexames escusados e o espontâneo advogado de amnistias e liberdades?...

Repetimos com mágoa e muita verdade que «já é força de toleima»!

Como tem sido a propósito do Relatório do sr. General Ferreira Gil sobre Rovuma e Newala, que mais se esganicam as vozes iconoclastas dos realistas contra o então ministro das Colónias, começamos hoje a publicar dois monumentais artigos em que esse ministro, nosso eminente Chefe, busca não justificar-se (mal o merece a insólita brutalidade do ataque) mas demonstrar como *só com a simples explicação desse Relatório* se chega a conclusões inteiramente opostas ás que foram tiradas pelos inimigos da República.

Aniversários registaveis

Fazem anos, desde 24 a 31 do corrente:

- As ex.^{mas} sr.^{as}:
- Dia 26—D. Maria Emilia Coelho da Mota Prêgo;
- » » —D. Maria da Madre de Deus Queiroz Passos.
- » 27—D. Beatriz da Luz Castro Sampaio da Silva Carneiro.

- E os srs.:
- Dia 26—João António Vaz Vieira de Nápoles.
- » 28—Simão Pinheiro Ribeiro Guimarães.
- » 29—José Luís de Pina;
- » » —António L. da Silva Dantas.

RESTABELECENDO A VERDADE

(As minhas primeiras palavras sobre Rovuma e Newala)

Vai quasi esbatida a onda de imprecações e falsidades que a prensa monárquica lançou sobre mim, a respeito da última expedição á Africa.

Nessa campanha odienta e felina, animada por torpes intuitos políticos, divisiu-se desde logo o exclusivo propósito de me cobrirem de maledicencia. E como os argumentos não bastavam para dar aspectos de justiça a essa ignóbil investida, os próprios factos foram deturpados, inventando-se catástrofes onde elas nunca existiram e attribuindo as suas responsabilidades a quem neles não tivera a minima culpa.

Foi sempre assim. Nos assaltos da infamia, se o cinismo vai á frente, a calúnia segue na cauda. E' reforço e reserva, e tantas vezes, constitue ela toda a força ofensiva.

Por isso não me importei com esse espadanar de ignominias. Sei há muito que a difamação é a arma predilecta de certos jornalistas e que a verrina insolente e desbocada é a única trincheira a que se recolhem, quando, com argumentos e com factos, alguém os vai contraditar.

Mas custou-me e doeu-me vêr que, por entre o tropel de insultos com que me alvejaram, saísse apagado e diminuído o valor do nosso esforço em Africa e que por certas palavras, aliás cautelosamente lisonjeiras, resultasse numa postura diminuída e ridicula o brio do nosso valente exercito.

As palavras que vão lêr-se não são uma justificação que eu não baixaria a fazer, tal foi a insólita brutalidade do ataque, mas a simples explicação do relatório do sr. general Gil, mostrando como só com esse elemento de exame e apreciação, se chega a conclusões inteiramente opostas ás que, com mal intencionados propósitos, foram tiradas pelos inimigos da República.

Todo o respeito e todo o amor, que se tenham ao exercito português, são homenagem sempre pequena para os serviços que a Nação lhe deve. E se a melhor maneira de prestar homenagem a alguém é empregar a verdade, aqui, para pôr o exercito nas alturas que éle merece, mais não é preciso do que a verdade leal e nobremente interpretada.

Vejamos tranquilamente o que se passou.

O governo da União Sagrada, em que eu era o ministro das colónias, mandou á Africa Oriental uma expedição militar com o fim de salvaguardar a integridade da nossa provincia de Moçambique e afirmar, tanto quanto possível, pela invasão da vizinha colónia alemã, o nosso desejo de colaborar com os aliados no objectivo comum: vencer a Alemanha.

Essa expedição tinha sido deliberada pelo anterior governo, e

ao da União Sagrada competia dar-lhe corpo e realidade.

Asim se fez, sendo convidado para o comando superior o sr. Garcia Rosado, que, sciente do plano do governo e aceitando-o, organizou a expedição como entendeu melhor, não tendo encontrado da minha parte o menor obstáculo ou a minima má vontade.

Depois, por virtude de outros motivos que não de ser apreciados na devida oportunidade, o sr. Garcia Rosado foi substituído no comando pelo sr. general Ferreira Gil, que aceitou o plano de campanha do seu antecessor, concordando ao mesmo tempo com a forma por que éle havia organizado a coluna expedicionária. O sr. Ferreira Gil o diz clara e expressamente a paginas 11 do seu relatório:

«Como objectivo para a coluna portuguesa adoptára o governo os portos do litoral da colónia alemã para o norte do Rovuma (afóra Kionga ao sul), isto é Lindi, Quilão, Kivingi, etc., até ao delta do Rufigi, a partir donde se procuraria avançar para oeste, isto é numa direcção convergente com as que provavelmente seguiria a segunda das colunas britannicas referidas. «Foi julgado preferível, após uma troca de telegramas com o governador geral de Moçambique, que por seu lado estivera em communicções e trocara impressões com o alto comando das forças sul-africanas.»

A paginas 13 ainda o sr. general Gil é mais expresso quando, discutindo a possibilidade de três direcções para a marcha das nossas tropas, diz textualmente: «Esta última que foi adoptada pelo governo, afigurou-se-me desde logo preferível a qualquer das outras, por isso a pertilhei sem hesitação, muito embora a não julgasse em absoluto isenta de perigos e inconvenientes. Tudo aconselhava tal preferência. Justificou-a plenamente o meu antecessor numa lucida e conceituosa exposição com argumentos que utilizarei.»

A paginas 25, o sr. general Gil declara de uma maneira expressa que «aceitou absolutamente» a composição do corpo expedicionário, não propondo nenhuma alteração nem aumento na sua organica.»

Temos pois, nesta altura, que o sr. general Gil seguiu para a Africa levando no bolso um plano de campanha com que concordava plenamente e que o seu antecessor justificara com toda a lucidez — e comandando um corpo expedicionário, que o satisfizera de uma maneira absoluta.

Entrou o sr. general em Palma no dia 5 de julho e por lá se demorou á espera de canhões que deram muito trabalho e muita canceira a adquirir e de outros ap estes, que seguiram para o seu

destino o mais depressa possível.

Por lá se foram organizando sobre o terreno os trabalhos da expedição, lá se foram fazendo exercícios, lá se foram treinando as tropas para os prováveis grandes combates que as esperavam.

No desenrolar destes acontecimentos houve varios desastres, que o sr. general conta no seu relatório. Os carregadores fugiam descaradamente atirando as cargas ao chão, apesar, afirma o sr. general, de estarem bem pagos e em dia. Deram-se frequentes fogos nos bivaques de artilharia, de infantaria, de engenharia e até nos do quartel general, onde ardena uma arrecadação. «Por vezes houve importantes perdas de material de guerra e de artigos e até dinheiro pertencente ás praças». E finalmente no dia 11 de setembro caiu ao mar, não sendo possível salva-lo, um caixote em que iam os arreios de cabeça completos dos solpedes do esquadrão.

O governo não teve, é claro, culpa destes desastres e parece que nem mesmo o sr. general, porque s. ex.ª atira, com resignação maometana, todas estas faltas para cima de um negro e triste fado. A respeito dos arreios caídos no mar, o sr. general diz mesmo que o caso foi um incidente desastroso que demonstra bem «a infelicidade que nos persegue». (Relatório, pag. 102).

Mas as coisas lá se iam arranjando com toda a boa vontade dos nossos homens, auxiliados por essa força de improvisação, que foi sempre a característica do génio aventureiro da nossa gente.

Não quero discutir agora se as coisas caminhavam de vagar ou de pressa. Tenho aqui á mão elementos diversos que me dizem que caminhavam muito de vagar, mas é meu propósito valer-me apenas, nesta exposição, do relatório do sr. general Gil. Assim demonstrarei melhor, e com mais imparcialidade, que tem sido tendenciosa, caluniosa e miserável a campanha feita contra mim e o governo da União Sagrada a respeito desta expedição.

No entanto em Lisboa, as coisas aqueciam, e, como nós trabalhávamos de acôrdo com os aliados, tínhamos evidentemente de combinar com eles o plano de acção, dando á causa comum, a tempo e a horas, todo o esforço de que razoavelmente dispuzessemos. Nessa ordem de ideias e sobre este ponto, não posso por motivos, que são obvios, entrar em longas explicações.

(Continua).

Correio das salas

Esteve alguns dias no Porto com sua extremosa esposa, o nosso presadissimo amigo sr. António Teixeira Mendes.

Depois de alguns mezes de permanencia no seio da sua illustre familia, regressou a Torres Vedras, onde exerce o cargo de notário ajudante, o nosso distinto conterrâneo sr. dr. Luiz Ribeiro Martins da Costa.

Esteve no Porto, com pouca demora, o rev. padre Anselmo da Conceição e Silva, illustrado professor do Liceu Central desta cidade.

Também esteve na mesma cidade o nosso amigo sr. Simão Pinheiro, digno agente da companhia de seguros «Confiança Portuense».

Foi pregar na imponente festividade de S. Vicente, que ante-ontem se realizou em Braga, o nosso illustre amigo e distinguissimo orador sagrado, rev. padre Gaspar Roriz.

Quasi restabelecido da pertinaz doença que o acometeu, já reassumiu as suas funções o illustre artista sr. José Luiz de Pina, muito digno reitor e professor do Liceu Central Martins Sarmiento.

Esteve nesta cidade o nosso estimado conterrâneo, residente em Lisboa, sr. Sebastião Teixeira de Carvalho.

Encontra-se quasi restabelecido dos seus incómodos o zeloso pároco da freguezia de Nossa Senhora da Oliveira, rev. padre João António Ribeiro Júnior.

Companhia «Sagres»

Não sabíamos ainda que o nosso amigo, Jerónimo Sampaio, zelava nestas paragens os interesses da «Sagres», uma sólida e próspera companhia de seguros com o capital de dois mil contos fortes.

E ficámos lo sabendo quando tivemos a honra da sua vizita para nos oferecer um lindo cromo-calendário para 1918.

Jerónimo Sampaio, que conhecemos e estimamos de velhos tempos, deu á vizita os ares solenes duma embaixada.

Segurando na esquerda o lindo paíael e com a dextra em geito de o perfurar, erecto e grave Jerónimo falou assim: «Venho, sr. redactor, em nome da «Sagres», a empresa mais colossal de seguros em todos os ramos, apresentar a v. ex.ª os devidos respeito, oferecer-lhe este pequeno mimó calendarístico para eterna recordação e rogar-lhe estimável todos os seus leitores a embarcarem neste couraçado da «Sagres», que pode baloiçar, mas não vai ao fundo. Eu sou agente da Companhia e por ela trabalho como um moiro com entusiasmo, dedicação e vontade de que os amigos me ajudem.»

Muito obrigado ao velho amigo Jerónimo Sampaio. E agouramos-lhe que, se já antes de entrar ao serviço da «Sagres» era boa gente, agora mais acrecido com o prefixo e constituído agente, fará singrar a «Sagres» com vento fresco.

Está bem entregue a pilotagem para este bairro.

A quem pertence?

O digno chefe da policia tem em seu poder um botão de peitilho, de ouro, que foi ultimamente encontrado numa das avenidas. Entregá-lo-há a quem provar pertencer-lhe.

S. Sebastião

Realizou-se no passado domingo, na igreja de S. Damião, a imponente festividade em honra do Mártir S. Sebastião.

No sábado á tarde, pregou com a sua costumada eloquencia o rev. padre Gaspar Roriz, e no dia imediato, mais uma vez se fez ouvir, ao Evangelho, o afamado orador sagrado rev. Manuel Estevão Ferreira, abade resignatario de Anta.

Devido ao mau tempo, não saiu a procissão.

A igreja foi ornamentada pelos hábeis armadores srs. Engenho & Novais, que de novo evidenciaram o seu belo gosto artistico.

Também é festejada no próximo domingo, com grande brilho, a imagem de S. Sebastião dos Milagres, que se venera no templo das extintas Dominiccas.

Consta, manhã, de missa cantada a grande instrumental; e de tarde, há sermão pelo distinto orador rev. padre Júlio Barroso, e em seguida «Te-Deum» e benção do Santissimo.

Festa ao Senhor da Piedade

Promovida por alguns manebos, filhos dos industriais da rua de Couros, realiza-se no próximo domingo, se o tempo o permitir, uma festa brilhante ao Senhor da Piedade, que se venera em oratorio naquela rua.

Esta festa, que há alguns anos não se fazia, constará de bazar de prendas e fogo de artificio, tocando no local a reputada banda dos Guises.

Transcrição

E' do nosso illustre colega «Distrito da Guarda» o artigo que hoje publicamos em fundo.

Porque inteiramente se casa com as nossas idéas e as expõe com nitidez e desassombro, permitimo-nos a liberdade de o aproventar, com felicitações.

LEGADO

A meza da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, aceita na sua secretaria, até ao dia 26 do próximo mez de fevereiro, petições em papel branco, pedindo o legado de vestuários que tem de distribuir, no dia 19 de março deste ano, a seis pobres, sendo tres de cada sexo, legado instituido por José Pereira da Silva Guimarães, tendo as pessoas contempladas de assistir a uma missa, no referido dia 19 de março, pela alma do dito bemfeitor.

Os requerentes devem declarar nas petições, sem o que não serão aceites, o seu nome, idade, estado e filiação e ser naturaes da freguezia de Santa Maria de Ravinhade, do concelho de Felgueiras e serem pobres, o que comprovarão com os respectivos atestados passados pela junta de beneficencia das freguezias onde residirem.

Na distribuição d'este legado serão preferidos os parentes do bemfeitor acima referido e as viúvas.

Agradecimento

Joaquim de Mattos Chaves, restabelecido da sua grave doença, supondo ter agradecido individualmente a todas as pessoas que se dignaram interessar-se pela sua saúde, mas podendo ter havido qualquer omissão involuntária, vem por este meio manifestar-lhes o seu reconhecimento e oferecer-lhes o seu préstimo em Lisboa.

Guimarães, 24/1/918.

Governador civil substituto

Foi nomeado governador civil substituto do nosso distrito, o sr. dr. José Malheiro Cardoso da Silva, distinto advogado-notário em Fafe.

Felicitações s. ex.ª

Sarau de caridade

Promovido pelo Orfeão Vimaranesense teve lugar na última segunda-feira, no Teatro de D. Afonso Henriques, o anunciado sarau em beneficio do Asilo de Santa Estefânia e da Oficina de S. José.

Antes de começar o espectáculo, o nobilissimo fidalgo sr. dr. Henrique Cardoso de Menezes (Margaride) pronunciou um discurso brilhante, pondo em relevo a utilidade daquellas casas de caridade em prol da juventude que nascera sem amparo e terminando por incitar os vimaranenses a protegê-las com o seu óbulo.

O programa do sarau, que era constituído por alguns números do Orfeão, poesias e o episódio dramático «O Marido», agradou por completo.

Ao digno regent: do Orfeão, rev. padre Maia dos Santos, foram entregues duas lindas palmas oferecidas por cada uma das instituições beneficiadas.

A V A

ANTIGA GUARDASOLARIA CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!
154, R. Republica, 160-Guimarães

AO PÚBLICO

JOÃO Vasco Cardoso Guimarães, proprietário da mercearia de Traz de S. Paio e agente, nesta cidade, da casa de comissões e representações de José Bastos Zuzarte, de Lisboa, aceita encomendas de carimbos, facturas, cartões, etc., etc.

Módicidade de preços e rapidez na execução.

«Porto Critico»

Completo dois anos de existência, aquele brilhante semanário de theatros e artes que se publica na capital do norte.

Felicitações o presado colega.

Naufrágo do amor

(Continuação)

Deixou pender a cabeça sobre o peito e duas lagrimas, rolando-lhe pelas faces, e íram sobre o marmore frio duma sepultura. Respeitei aquele silencio como se respeitava o agonizar lento dum ente querido. Passados momentos, levantou a fronte completamente transformado e continuou o relato dos seus amores com voz pausada e segura.

Foi pelo meado do mez de Dezembro. Todo o dia tinha chovido uma destas chuvas miudinhas, impertinentes que não nos deixam passear pelos boulevards para nos distrairmos vendo passar em todas as direcções os rostos gaiatos das parisienses.

Nesse dia era a *première* da Gioconda, na O pera. Resolvi ir lá. Como o meu amigo sabe, é costume ficarmos no átrio antes de principiar o espectáculo a apreciar os belezas femininas que vão ornamentar com a sua divina formosura os camarotes da grande sala de espectáculo, dando ao ambiente um tom que enebria e nos retém.

De repente o meu olhar cruzou-se com o duma jovem que subia a grandiosa escadaria acompanhada por um cavalheiro que, pela idade, supuz ser seu pai. Não lhe posso descrever o que nesse momento senti: fiquei estúpido e só pude acompanhá-la com o olhar até se perder na volta dos corredores. Começou a sinfonia e eu acordei como dum sonho e apressei-me a tomar o meu lugar. Assentei o binóculo nos camarotes e quiz a minha boa estrela que, ao primeiro lance descobrisse aquella cujo olhar me entificava.

Cantou-se a opera: eu nada ouvi. Os meus olhos nem por um momento se desviaram daquella camarote que encerrava a deusa. Je meus sonhos. Vi-a sorrir e tomei esse sorriso como uma promessa de amor. Seguiu no fim do espectáculo e assisti do passeio fronteiro, á sua entrada, num pasadete do Boulevard S. Michel. Quedei-me esperando ver surgir em alguma das janelas o seu rosto encantador. Passados momentos vi com indizível prazer qual era o escripto onde se guardava tão preciosa parola. Uma impaciencia febril se appoderou de mim. Quiz saber o seu nome e se poderia ter a esperanza de um-la e ser amado. O meu amigo sabe que com dinheiro todos os obstaculos se vencem. No fim de três dias sabia que o seu nome era dulcissimo: chamava-se Marie. Orfa de pai e mãe; seu pai, o velho Jaks Gordinol, e sua mãe, d'antã da alta aris-

toocracia franceza, tinham-lhe dado uma educação esmerada que seu tio continuou a ministrarlhe com todo o carinho. Tinha a certeza que me retribuía o amor imenso que lhe dedicava.

Assim se passaram mezes e as cartas trocavam-se quasi diariamente, impregnadas de traços de amor como só quem ama de veras pode transmitir ao papel o que lhe vai na alma. Um dia resolvi fallar-lhe da nossa união futura. Já achava demasiado o tempo decorrido sem a poder estreitar em meus braços. A resposta a esta carta foi para mim duma tristeza inmensa. Passou o resto do dia e toda a noite sem um momento de sossego. Procurava fórmulas para resolver o problema difficultoso que se me deparava e tinha que as pôr de parte porque não se condonavam com o meu temperamento. Sou, tio, um patriota exaltado, não podia consentir que na sua genealogia entrasse ramo algum procedente duma arvore estrangeira; orgulhava-se de que todos os seus antepassados eram francezes e portanto destinava sua sobrinha a um barão da mesma nacionalidade. Eu, como portuguez, tinha que arrancar do coração este amor porque um velho tanto se metia de permugio com tradições que só o absurdo justificava. Porém o amor não tem patria, e quando se ama de veras, não ha dique que se opoalha á união de dois entes que nasceram para se amar.

Só com a fuga podíamos realizar o sonho doirado que architectávamos; tudo se compinou e ela, dócil como um anjo, a tudo se submeteu para tornar em realidade a visão que tanto ambicionava. O meu amigo Tito Livio que me conhecia desde tenra idade poz á minha disposição o seu possante automovel e numa noite chuvosa e triste atravessamos Paris seguindo velosamente para a Bélgica onde descançamos duma viagem tão curta mas tão cheia de receios sempre na suposição de que seríamos perseguidos. Em Mons, numa casinha isolada, cercada por um jardim onde as flores desabrochavam aos milhares sem ter até áquella dia uma mão de fada que as colhesse, nessa casinha, ninho doirado do nosso amor passamos, sem contar os dias, sem termos a noção do tempo decorrido, 3 mezes entre beijos e caricias, vivendo um para o outro como se o mundo só se resumisse no nosso amor.

(Conclue)

Éditos de 30 dias

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da comarca de Guimarães e cartorio do 5.º officio, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda publicação d'este no *Diario do Governo*, citando os credores incertos de Tereza Joaquina dos Santos, solteira, que morou na freguezia de Oleiros, desta comarca, para apresentarem as suas reclamações no processo de arrecadação de herança, a que se procede por óbito da mesma.

Guimarães, 21 de Janeiro de 1918.

Verifiquei a exactidão.

O juiz de direito,
Santos.

O escrivão,

José Maria Baptista Ribeiro.

COMPANHIA CONFIANÇA PORTUENSE

Sociedade Anonima de Seguros Responsabilidade Limitada

Emitido.....	810.000\$00
Por emitir.....	190.000\$00
Capital social...	
Escudos.....	1.000.000\$00

Séde: 20, rua Mousinho da Silveira, 22—PORTO

Correspondentes nas principaes terras do pais

Seguros contra fogo, raio, tumultos, grèves, roubos e guerra. Seguros marítimos, fluviais, agricolas e postais.

SEGUROS CONTRA MORTE E ACIDENTES DE ANIMAIS, A TAXAS REDUZIDAS

Sinistros pagos por esta Companhia:

Escudos 1.235.330\$98,2

Agente em Santa Marinha da Costa:

SIMÃO PINHEIRO

RUA EGAS MONIZ, 32—GUIMARÃES.